

A Pedagogia do Oprimido antes da Pedagogia do Oprimido

Carlos Rodrigues Brandão

Duas vezes uma mesma revista editada no Uruguai antecipou dois livros. Em algum lugar terei comentado sobre um deles. Quero agora lembrar o que terá sucedido com o outro. E tanto mais isto importa, quanto mais se trata de um livro que veio a ser, cinquenta anos mais tarde, um livro que ao invés de tornar-se um mito e, depois, um esquecimento, como acontece com tantos outros, tornou-se uma mensagem e também uma presença.

Falo de *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire.

Depois de haver escrito *Educação e atualidade Brasileira* (1959), *Educação como prática da liberdade* (1967), antes do exílio, e *Extensão ou comunicação* (1960), já no exílio, teria Paulo Freire levado na mala já algumas páginas escritas a mão do que viria a ser *Pedagogia do Oprimido*? Se não na mala pelo menos na mente sim, imagino.

Paulo Freire viveria no Chile os cinco primeiros anos de seu exílio. Nos dois últimos ele trabalhou, sob comando de Jacques Chonchol, no *Instituto Chileno de Reforma Agrária*. Sabemos que ao deixar o Chile ele passou pela Bolívia e, já nos EUA trabalhou durante onze meses na *Universidade de Harvard*, antes de finalmente ir para Genebra e assumir o *Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas*. Sabemos que em 1968 o livro está pronto em sua versão manuscrita. Com uma singela despedida em uma carta pessoal, Paulo deixou com Jacques Chonchol uma cópia do *Pedagogia do Oprimido*.

Queria que vocês recebessem esse manuscrito de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens como uma simples homenagem a quem muito admiro e estimo.

*Paulo
Santiago
Primavera, 68¹*

¹ *Pedagogia do Oprimido (o manuscrito)*, página 10.

Uma observação interessante acompanha a *Apresentação* da edição fac-símile de *Pedagogia do Oprimido*, assinada por Jason Ferreira Mafra, José Eustáquio Romão e Moacir Gadotti, datada da “Primavera de 2013”. Estamos entre primaveras!

Nos originais não foram encontrados, nem o título do livro, nem títulos de seus quatro capítulos, coincidindo com o que aconteceu com as edições brasileiras, até a 17ª edição (1987), revista pelo próprio Freire. Nelas, só apareciam, no início de cada um de seus capítulos, os temas destacados por ele. No capítulo três só aparecia o numeral romano “III”².

Conhecemos também as indagações sobre onde e em que língua teria ocorrido uma primeira edição do livro. E também sabemos agora que o manuscrito original e as edições “oficiais” nem sempre correspondem, especialmente na ausência do curioso e oportuno duplo esquema que Paulo desenha ao final da página 157, para opor a *Teoria da ação revolucionária* à *Teoria da Ação Opressora*.

Um outro fato a respeito do qual nunca li e nunca ouvi “de viva voz” qualquer referência, me parece mais importante. Em capítulos, todos eles com títulos, uma boa parte do *Pedagogia do Oprimido* foi publicada antecipadamente no Uruguai e em setembro de 1968. Outra primavera.

A publicação é um número especial – *Suplemento* – da revista *Cristianismo y Sociedad*, editada por *Iglesia y Sociedad en América Latina*. Esta edição especial, fora de seriação, tem como subtítulo de capa: *Contribución al proceso de concientización en América Latina*. Na *nota explicativa*, assinada por uma *Junta Latinoamericana de Iglesia y Sociedad en América Latina*, está escrito o que transcrevo em fragmentos.

El material que presentamos en las páginas que siguen es de carácter provisorio y complementario. ...

Los lectores advertirán que se trata más que nada de Apuntes y que los autores de los respectivos trabajos, así como las entidades que autorizaron la publicación de los

² *Pedagogia do oprimido (o manuscrito)* – páginas 04 e 05.

mismos se reservan todos los derechos de su redacción y de su publicación definitiva. ...

Este documento es para uso interno – en términos absolutos – no pudiendo ser reproducido ni siquiera en parte, sin expresa autorización de los autores³.

Na parte de baixo da página anterior vem escrito em negrito:
EDICIÓN NO COMERCIAL – Material para uso interno.

Eis a relação completa dos artigos constantes do *Suplemento de Cristianismo y Sociedad*.

Paulo Freire

La alfabetización de adultos – crítica de su visión ingenua – comprensión de su visión crítica (páginas 7 a 16).

Paulo Freire

La concepción “bancaria” de la educación y de la deshumanización – la concepción problematizadora de la educación y la humanización (17-25).

Paulo Freire

Investigación y metodología de la investigación del “tema generador” (27-52).

Paulo Freire

A propósito del tema generador y del universo temático (53-72).

Paulo Freire

Relación bibliográfica – consideraciones críticas en torno del acto de estudiar (73-85).

José Luís Fiori

Dialéctica y libertad: dos dimensiones de la investigación temática (87-93).

³ *Cristianismo y Sociedad – suplemento*, ISAL, 1968, nota explicativa.

Ernani Maria Fiori

Aprender a decir su palabra – el método de alfabetización del profesor Paulo Freire (95-103).

Tal a relação dos artigos de *Cristianismo y Sociedad – Suplemento*, da Primavera de 1968 e que, em cópia direta da internet (e presenteada a mim por Ines Areco, de Lujan, na Argentina), tenho em minhas mãos.

Não possuo mais dados a respeito, e nem uma documentação complementar que ajude a esclarecer o que aconteceu em 1968 (“o ano que não acabou”), entre o Chile e o Uruguai. Por tudo o que conheço e leio, imagino que os capítulos de Paulo Freire inseridos na revista serão no todo ou em parte, versões provisórias ou definitivas do que veio a ser *Pedagogia do Oprimido*.

Envio este breve relato sobre o que terá se passado cinquenta anos antes, para provocar a quem interesse uma investigação mais ampla e fecunda que nos ajude a clarear um pouco mais a sucessão de eventos tão importantes ligados aos primeiros anos de exílio de Paulo Freire, e ao sinuoso, e depois fecundo, destino de *Pedagogia do Oprimido*.

Lembro que anos mais tarde *Cristianismo y Sociedad* repetiu a dose. Na edição de 1972, 1ª entrega, ano X, nros. 29 – 30, publicou entre as páginas 5 e 38, o artigo: *Concientización y Educación Popular*, assinado como um “Trabajo de Equipo”, e que pouco depois veio a ser um capítulo de *Educación Popular y proceso de concientización*, assinado por Júlio Barreiro e editado em 1974 por Siglo XXI, em Buenos Aires.

Lido aos pedaços, às escondidas, mimeografado

Terá um fato tão essencial a respeito dos primeiros tempos *do Pedagogia do Oprimido* sido esquecido no passar do tempo? Ou terá permanecido na memória de apenas poucas pessoas ainda vivas e, como eu, vindas “dos primeiros anos sessenta”? ele me foi recordado em uma mensagem de Osmar Fávero, quando leu uma primeira versão deste escrito.

Às claras, até 1º de abril de 1064, e às escondidas e cercados de “medidas de segurança”, líamos “escritos do Paulo Freire”. Desde o

Chile nos chegavam mimeografados e cercados de cuidados, capítulos de *Pedagogia do Oprimido*.

Já as ideias e o “método Paulo Freire de alfabetização” eram lidos entre nós. Lembro que em 1966 eu estava com Maria Alice no CREFAL, em Pátzcuaro, no México, como estudantes de um longo curso sobre alfabetização, educação de adultos, ação comunitária, etc. No dia 8 de setembro festejamos o “Dia Internacional da Alfabetização”. O professor de “alfabetização de adultos” sabia de nossos conhecimentos sobre “um novo método de alfabetização”. Ele nos pediu que fizéssemos uma apresentação dele durante a manhã de comemorações. Usando o quadro-negro fizemos uma longa e detalhada exposição.

Lembro-me do impacto que ela causou. Tanto assim que os estudantes - e eram de toda a América Latina - solicitaram ao professor cópias de nossa “exposição”. Fui encarregado de escrever uma “memória”, e naquele mesmo ano ela foi publicada em uma singela edição mimeografada: “El Método Paulo Freire para la Alfabetización de Adultos”. Anos mais tarde o CREFAL produziu uma versão impressa.

Quando a partir de julho de 1969 começamos algumas “excursões políticas” a países da América Latina livres de ditadura, levávamos entre outros, escondidos em fundos de mochilas e com capas falsas, alguns livros e também alguns “escritos mimeografados”. Um deles era *Pedagogia do Oprimido*.

Lujan/Campinas
Primavera de 2018
Cinquenta anos depois
 Carlos Rodrigues Brandão

*Este artigo faz parte
 de uma sequência de escritos
 de Carlos Rodrigues Brandão
 como uma proposta de divulgar
 de forma aberta, livre e solidária
 o que escreveu ao longo da vida.
 Outros artigos, livros e escritos sobre
 a educação, a antropologia e a literatura
 podem ser livremente abertos
 acessados, copiados e utilizados no site:
www.apartilhadavida.com.br*

